

SALÃO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
**XXIX SIC**  
**UFRGS**  
PROPESQ



múltipla   
**UNIVERSIDADE**  
inovadora  inspiradora

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2017
<b>Local</b>	Campus do Vale
<b>Título</b>	O trabalho e a narrativa em Henry Lawson e Simões Lopes Neto
<b>Autor</b>	GIOVANNA BIANCHINI DA SILVA
<b>Orientador</b>	IAN ALEXANDER

O trabalho e a narrativa em Henry Lawson e Simões Lopes Neto

Quando falamos dos “Contos Gauchescos” de Simões Lopes Neto (1865-1916) e dos contos de Henry Lawson (1867-1922), a semelhança mais marcante é que ambos utilizaram um narrador que pode ser considerado homem, branco, livre, de classe trabalhadora, e ligado ao mundo rural. Assim como no Rio Grande do Sul de Simões, na região sudeste da Austrália de Lawson a economia rural integra a economia mundial; o charque do sul do Brasil alimenta trabalhadores da mineração e da produção de café, produtos para exportação; na Austrália a lã é produto direto para exportação. A criação de gado para charque e a criação de ovelhas para tosquia são atividades sazonais, dominadas por latifundiários, e precisando de mão de obra principalmente no período de primavera-verão. No Rio Grande do Sul, a relação de trabalho entre os caboclos e o estancieiro era cordial, pessoal, oral, e eles se fixavam numa estância até o fim da temporada, ocupando-se também de manutenção da fazenda e de confecções artesanais. Já na Austrália a relação de trabalho era contratual e impessoal, por escrito, e os tosquiadores movimentavam-se de estância em estância atrás do emprego. Ao fim da temporada, os trabalhadores tentavam sobreviver sem nenhuma fonte de renda, em alguns casos conseguiam emprego na manutenção da estância. Essas diferenças econômicas se encontram refletidas no plano da literatura: em primeiro lugar o narrador de Simões, Blau Nunes, sem acesso pleno à escrita, não parece ter consciência do mercado econômico e do papel da produção de charque nesse mercado, enquanto o narrador de Lawson tem plena consciência de que a produção de lã está ligada a uma economia global. Mais importante, porém, devemos levar em consideração para quem e com que intenções esses narradores estão narrando. Da mesma maneira que o emprego do caboclo se dá através da palavra falada, o narrador Blau, um trabalhador, fala para seu patrão, que transforma o registro oral em escrito. Da mesma maneira que o tosquiador australiano assina um contrato de trabalho, o narrador de Lawson escreve os seus próprios contos para publicação em jornais que tinham ampla circulação, já que a maioria da população australiana da década de 1890 era alfabetizada. Enquanto Blau foca nos causos e aventuras que ele imagina que o patrão vai achar interessante, o narrador de Lawson representa a vida do trabalhador para seus leitores trabalhadores.